

A DIVISÃO DOS DEMOCRATAS

FAVORECE O SALAZARISMO

A constante repressão e as intimidações de todas as espécies impostas pelo salazarismo aos democratas portugueses, o carácter fascista da lei eleitoral e a antecipação da data das eleições, impediram a apresentação de listas de candidatos de Oposição em vários distritos, mas esse e outros obstáculos, foram vencidos vitoriosamente pelos democratas dos distritos de Lisboa, Porto, Aveiro e Braga.

A apresentação de tais listas de candidatos de Oposição, as sessões públicas, as romagens, os banquetes de confraternização e outras acções realizadas quando das comemorações do 5 de Outubro, o Congresso Republicano realizado em Aveiro, o manifesto eleitoral de Braga que a imprensa não pôde silenciar, as comissões eleitorais criadas em várias regiões do País e as acções que se estão a desenrolar, constituem aspectos importantes da acção das forças democráticas.

Segundo o Presidente da Comissão Executiva da U. N., Leite Lumbrals, a Oposição teve «inteira liberdade de acção» (!). Os democratas portugueses, ao longo de 31 anos de regime fascista, conhecem bem tal «liberdade». A confirmá-lo, estão os cortes arbitrários feitos no período do recenseamento, a censura à imprensa, as recentes prisões de dezenas de salinheiros de Alcochete e pescadores de Matosinhos, as centenas de democratas presos ou sem direitos políticos, etc..

A rejeição arbitrária da lista de candidatos da Oposição de Lisboa e a proibição das sessões públicas, enquanto o Supremo Tribunal Administrativo não se pronunciar quanto ao recurso apresentado pelos candidatos de Oposição, é mais um testemunho de tal «liberdade». E, para que não surjam dúvidas, o ministro do Interior (discurso do Porto), apressa-se a ameaçar os democratas que — diz ele — «optaram pela subversão social e pela negação da Pátria».

O salazarismo é a negação da liberdade, até mesmo para aqueles deputados que por criticarem desassombadamente certos aspectos da política do Governo, não viram os seus nomes incluídos nas listas de U. N.,

apesar de muitas das pessoas convidadas para comporem as suas listas terem rejeitado tais convites.

A divisão da Oposição não serve a causa do povo

O salazarismo tem conseguido manter o seu debilitado regime à custa da divisão das forças da Oposição.

Quando o Partido Comunista defendeu a participação das forças anti-salazaristas nos próximos actos eleitorais, fez-o na base de condições objectivas favoráveis à acção dos adversários do regime, resultantes das alterações produzidas na correlação de forças em Portugal e no mundo.

Essas condições favoráveis poderiam ter sido largamente aproveitadas se, em primeiro lugar, as forças democráticas de esquerda, e de direita tivessem sabido encontrar pontos comuns de acção no plano eleitoral. O Partido Comunista tudo fez e continuará a fazer para se chegar a um largo entendimento das forças democráticas do nosso país.

Infelizmente nem todos os democratas assim o têm compreendido. Nem todos têm sabido pôr de lado as questões secundárias, que são as nossas divergências políticas, e agarrar o fundamental que é a agrupação e a conjugação das nossas forças contra o inimigo comum — o salazarismo.

Assim pode dizer-se que o anti-comunismo está a limitar os horizontes de certos meios democráticos, a enfraquecer a oposição popular ao salazarismo e a favorecer as manobras de divisão dos governantes salazaristas. Há democratas que consideram vantajosa a existência de duas correntes distintas nas forças oposicionistas. Esta concepção prejudicial levou já alguns democratas a não colaborarem na apresentação de candidatos às eleições para deputados e a preconizarem publicamente a abstenção eleitoral, contra os desejos da imensa maioria dos portugueses anti-salazaristas.

Tais democratas, por infundado receio dos comunistas, estão a deixar-se embalar pelas promessas dos governantes fascistas e a provocar, com as suas atitudes inconsequentes o desgosto e o descontentamento de vastos sectores da opinião democrática e anti-salazarista do país.

A sombra dessas enganadoras promessas certos democratas decidiram não apoiar quaisquer acções que nas comemorações do 5 de Outubro, pudessem mobilizar a massa dos democratas, isto dizem eles, para não fazer o jogo dos comunistas.

O jogo dos comunistas é um jogo franco e claro. Toda a acção do Partido Comunista se orienta para a defesa intransigente dos

interesses da classe operária e do povo. A demonstrá-lo estão as lutas que as classes trabalhadoras vêm travando sob a orientação do Partido Comunista e que têm levado à redução dos efeitos nefastos da política do governo de Salazar.

Peço contrário, as posições dúbias, tomadas nas costas do povo, fazem que o salazarismo jogue em duas frentes e prolongue por mais tempo o seu odioso domínio sobre a nação.

Tais atitudes dificultam o amplo aproveitamento de todas as possibilidades legais de acção na presente campanha eleitoral e impedem numa larga medida, a organização e a mobilização das únicas forças capazes de arrear Salazar do poder — as massas populares.

Marchemos ombro com ombro

Apesar dos democratas não terem conseguido chegar a acordo para a apresentação de candidaturas, continue a existir um largo terreno de entendimento de forma a travarem unidos a batalha para as próximas eleições à Presidência da República e Juntas de Freguesia, e desde já para a luta pelas liberdades democráticas, pela amnistia, etc., lutas estas em que todos estão igualmente interessados.

A condução destas lutas será facilitada se for possível formar numerosas comissões eleitorais que comecem a actuar em seguida no apoio às candidaturas mobilizando as massas em volta dos candidatos e ajudando-os a vencer as inúmeras dificuldades que têm pela frente.

Estas comissões serão também de grande importância nos distritos onde não há candidaturas, muito embora aqui seja necessário levar as massas à abstenção e a fiscalizar a concorrência às urnas. Além disso estas comissões podem realizar tarefas muito para além do período eleitoral, pois logo a seguir aparece o recenseamento e será de grande vantagem para as futuras lutas democráticas que milhares de portugueses se recenseiem.

A acção corajosa dos democratas que se apresentarem como candidatos, assim como aqueles que os apoiam tem uma grande importância para impulsionar a luta democrática no nosso país, assim como a luta pela solução de outros problemas e para isto é muito vantajoso a realização de sessões públicas eleitorais, a edição de numerosa propaganda e a defesa dos interesses das várias camadas da população.

De toda esta acção se colherá a experiência que servirá no futuro a luta de todas as forças democráticas na sua acção para uma mudança de regime.

